

Permanência escolar das juventudes da EJA/EPT: atos de resistência das jovens do alto sertão alagoano

School permanency for young students at Youth and Adult Education integrated with Professional and Technological Education (YAE-PTE): acts of endurance by young women from the upper hinterland of Alagoas

Jailson Costa da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas
Piranhas-Brasil

Divanir Maria Lima de Reis

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas
Arapiraca-Brasil

Ana Paula da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas
Piranhas-Brasil

Resumo

A pesquisa de base deste artigo faz parte de um continuum de estudos sobre Permanência escolar, iniciados em 2019 no âmbito da EJA integrada à Educação Profissional e Tecnológica – EJA-EPT. Objetivou-se compreender os atos de resistência que as jovens do alto sertão de Alagoas açãoaram para permanecer estudando. Partiu-se da seguinte problematização: em que medida as políticas de assistência estudantil do IFAL garantem a permanência escolar das jovens mães sertanejas? Para alcançar o objetivo e “responder” à problematização, optou-se pela abordagem qualitativa. Além disso, as narrativas foram construídas por meio da entrevista comprensiva. A pesquisa mostrou a necessidade de ampliar ações que compreendam as singularidades da modalidade, enfatizando a importância da permanência material e simbólica das jovens estudantes que, em sua maioria, vivenciam a experiência da maternidade desde muito cedo.

Palavras-chave: Juventudes; Permanência escolar; Educação de jovens e adultos.

Abstract

The basic research for this article is part of a continuum of studies on school permanency which began in 2019 with regard to Youth and Adult Education integrated with Professional and Technological Education (YAE-PTE). The purpose was to understand the acts of endurance that young women from the upper hinterland of Alagoas, Brazil, employ to remain engaged at school. The following question was considered: How well do Instituto Federal of Alagoas' student assistance policies ensure school permanency for young mothers from the hinterland? In order to achieve the objective and ‘answer’ the inquiry, a qualitative approach was adopted. Furthermore, the narratives were constructed through comprehensive interviews. The results revealed the need to expand actions that address the singularities of this modality by emphasizing the importance of the material and symbolic permanency of young students who, in their majority, experience motherhood since a precocious age.

Keywords: Youth; School permanency; Youth and adult education.

Palavras introdutórias

Focada nas relações entre juventudes e educação, a investigação que gerou a escrita deste artigo envolveu o Curso técnico de alimentos desenvolvido no Campus Piranhas do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), situado no alto sertão alagoano que, de forma constante, abrange a presença das mulheres. Ademais, esta pesquisa está inserida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (Pibic) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Edital nº 16/2023 PRPPI/IFAL.

A justificativa desta pesquisa parte da premissa de “promover a permanência”, levando sempre em consideração que: “O objeto permanência é processo, e o objeto evasão é categorização numérica (taxa)” (Carmo; Arêas; Arêas, 2022, p. 48). Essa perspectiva sobre a permanência escolar vem provocando mudanças na forma de refletir sobre o “fracasso” escolar, permitindo romper com a visão que a causa do “fracasso” centra-se permanentemente no/a estudante.

Inicialmente, vale destacar que o desafio de pensar as juventudes remete-nos à compreensão dessa categoria como construto atravessado pelas diversas formas de ser e de pensar das diversas sociedades nos mais variados contextos. Assim, cada povo, em uma dada época, a partir de suas culturas, atribuiu determinados sentidos, idades, significados, ao que no século XXI chamamos de juventude(s) (Jadejiski, 2024).

No contexto das discussões sobre as juventudes, faz-se necessário, a princípio, considerar: i) não restringir a construção das juventudes a um único fator, seja biológico, psicológico ou mesmo a questão social, visto que “[...] varia de acordo com as diferentes culturas e mesmo no interior de cada cultura, [...] bem como as condições sociais, políticas e culturais existentes” (Catani; Gilioli, 2008, p. 13), pois só assim é possível propormos uma tentativa de comprehendê-la em sua totalidade, e, ii) ter a clareza de que não se pode falar de uma história da(s) juventude(s), mas em histórias que concernem a juventudes e se referem a jovens como seres plurais (Levi; Schmitt, 1996).

Partindo desse pressuposto, torna-se relevante conhecer as trajetórias escolares das jovens estudantes do Curso de Alimentos, no intuito de compreender, a partir de suas histórias de vida, as razões que levaram à descontinuidade da escolarização dessas pessoas jovens, bem como as motivações que impulsionam a permanência dessas juventudes na EJA

integrada à Educação Profissional e Tecnológica - EJA/EPT. Assim, a partir das ideias defendidas por Andrade (2004), pode-se afirmar que uma proposta comprometida com o atendimento às pessoas jovens presentes nas salas de aula da EJA integrada à EPT deve levar em consideração quem são esses sujeitos, observando a heterogeneidade de interesses, saberes, concepções e histórias de vida.

Este estudo parte da necessidade de escutar as juventudes, com ênfase no reconhecimento de suas experiências de vida, buscando a superação dos estigmas que tentam desqualificá-las. Tal preocupação tem sido objeto de discussão/luta por parte dos diversos organismos que buscam o atendimento do direito constitucional do cidadão à educação.

O artigo em tela nasceu de uma pesquisa idealizada pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (Gipeja – IFAL/CNPq), em rede colaborativa com o Grupo de pesquisa Multidisciplinar em Educação de Jovens e Adultos (Multieja – UFAL/CNPq), por meio da integração na Rede Intercâmpus de Permanência Escolar (Ripe), no âmbito do projeto longitudinal de pesquisa (UFAL/IFAL) – Chamada Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021, intitulada “Permanência e cultura organizacional escolar no Proeja: a construção de comunidades de aprendizagem”.

Esta iniciativa busca constituir-se como um espaço de diálogo com os outros *campus* do IFAL, que também estudam a temática das juventudes e, principalmente, o estabelecimento de um trabalho em rede daqueles que, por direito, atendem as pessoas jovens em seus cursos de EJA/EPT, na busca de implantar uma política de valorização das juventudes, que trazem em si, as “trajetórias acidentadas”, conforme retratado por Andrade e Farah Neto (2007, p. 58), que situa que “o sistema escolar, historicamente, não foi estruturado” para tais sujeitos.

Nesse sentido, a constante presença de jovens no Curso de Alimentos despertou a curiosidade de compreender os sentidos da permanência escolar dessas juventudes na EJA/EPT. Buscou-se, então, compreender, a partir das relações interpessoais vivenciadas no Curso de Alimentos, por essas jovens, a determinação que as impulsiona a buscar “[...] outras fontes de renda que não a roça. Nesses novos cenários, faz-se necessário aguçar o olhar para perceber outros ângulos e descobrir significados para as novas formas de ocupar o batente” (Moreira, 2018, p. 251).

Permanência escolar das juventudes da EJA/EPT: atos de resistência das jovens do Alto Sertão Alagoano

Buscou-se, ainda, por meio da observação das narrativas dessas jovens, os motivos que garantem a permanência escolar, na esfera material e simbólica. Para Reis (2016, p. 76), é preciso observar as duas vertentes. A primeira diz respeito “[...] às condições materiais de existência [...] e a outra à possibilidade que os indivíduos têm de identificar-se com o grupo, de ser reconhecido e de pertencer a ele”. Nesse sentido, a permanência não é “[...] apenas a presença física do [estudante] em sala de aula” (Santos, 2007, p. 42), pois implica na forma como elas sentem-se inseridas no cotidiano da Instituição.

Para além das palavras introdutórias, este artigo estrutura-se em três partes. Na primeira, situa-se o itinerário metodológico, trançando o perfil das narradoras da pesquisa, com embasamento teórico nos estudos sobre história de vida, com auxílio metodológico da entrevista compreensiva. Na segunda parte, mobiliza-se as concepções de juventude das interlocutoras, com ênfase nas linhas tênues que demarcam as fronteiras entre a juventude e a adultez. Por fim, pontua-se os estudos acerca da Permanência escolar, analisando os atos de resistência que as jovens do Alto Sertão de Alagoas acionaram para permanecer estudando na EJA-EPT.

O itinerário metodológico

Esta pesquisa teve o objetivo de compreender, a partir das histórias de vida, os atos de resistência que as jovens do Alto Sertão de Alagoas estão acionando para permanecer estudando, mesmo diante da escassez de políticas públicas específicas para esse segmento populacional. Nesse sentido, considerando o percurso de vida e as condições de subsistência vivenciadas por essas juventudes, mobilizou-se a seguinte problematização: em que medida as políticas de assistência estudantil do IFAL atendem às especificidades das juventudes da EJA/EPT e garantem a permanência escolar das jovens da comunidade sertaneja? Para alcançar o objetivo e abordar a temática escolhida, a investigação partiu de uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, como uma alternativa para a compreensão de dados que não podem ser traduzidos por aspectos quantitativos, pois, na pesquisa qualitativa, “[...] os dados são coletados através da descrição feita pelos sujeitos” (Martins, 2010, p. 63). No caso em questão, trata-se das pessoas jovens matriculadas na EJA/EPT, que narram os atos de resistência que são acionadas cotidianamente para permanecerem no Curso de Alimentos.

Ademais, compreendendo o sertão como um espaço de pluralidade, busca-se apresentar as peculiaridades do sertão piranhense (um sertão à beira Rio São Francisco), um

dos muitos sertões alagoanos. A cidade de Piranhas está situada na microrregião alagoana do Sertão do São Francisco, tem uma área de 408,47 km², e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é baixíssimo, com apenas 0,589, sendo que a população tem 23.045 habitantes (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2017). A cidade é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e possui belíssimos casarios, sobretudo um museu que conta a história não somente da cidade, mas também do fenômeno do cangaço, além de um mirante secular, onde é possível ter a vista admirável da cidade, o que, dessa forma, atrai turistas do Brasil inteiro.

A princípio, foi realizado um levantamento dos autores e de estudos circundantes ao tema da permanência escolar – assunto que vem ganhando espaço no Brasil – alertados por Carmo e Carmo (2014), quando destacam que o objeto de pesquisa em questão ainda é muito recente; uma vez que passou a ser evidenciado nas publicações acadêmicas somente a partir de 2007, no âmbito de uma virada epistemológica que desvia dos estudos que tratam sobre “evasão” escolar, bem como das juventudes na Educação de Jovens e Adultos. O enfoque passou a ser, então, os “novos sujeitos” que ocupam seu lugar de direito nessa modalidade de ensino.

Então, foram realizadas entrevistas a partir de um roteiro com questões prévias, que abriram espaço para um diálogo – entre entrevistadores e entrevistadas. Todas as entrevistas foram gravadas, na intenção de não perder a originalidade das falas, seguindo orientações de Thompson (1992, p. 146), ao ensinar que a gravação apresenta uma grande vantagem sobre os demais registros, pois, nela: “[t]odas as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto”, detalhes imperceptíveis em outras fontes. Assim, as entrevistas foram transcritas e organizadas por categorias temáticas sendo que, posteriormente, foi efetuado um trabalho de análise das categorias que surgiram no decorrer da pesquisa. Concomitantemente, realizou-se a construção de um quadro conceitual, analítico e interpretativo sobre os conceitos trabalhados, seguindo três categorias temáticas que foram mais recorrentes no decorrer das entrevistas: ser jovem e mãe, rede de apoio e permanência simbólica.

São interlocutoras desta investigação as estudantes jovens (no nosso caso de 18 a 29 anos de idade) que, por direito, têm acesso ao Curso de Alimentos na modalidade da

Permanência escolar das juventudes da EJA/EPT: atos de resistência das jovens do Alto Sertão Alagoano

Educação de Jovens e Adultos do Câmpus Piranhas. Para chegar às interlocutoras, efetuou-se um levantamento das estudantes da EJA/EPT junto à Coordenação de Registo Acadêmico (CRA) do Câmpus. A concessão dos depoimentos de todos entrevistados foi firmada por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual apresenta todas as informações referentes à pesquisa.

O uso do método de história de vida foi utilizado com o apoio teórico de Cipriani (1988) e Paulilo (1998), pesquisadores que ressaltam que esse método permite, ao pesquisador, fazer uma ponte entre o individual e o social. As narrativas foram elaboradas a partir da entrevista compreensiva, segundo Ferreira (2014) e Kaufmann (2013), com o foco nas narrativas das estudantes, como fonte que envolve, também, a história de escolarização das juventudes da EJA/EPT. Além do mais, as entrevistas ocorreram de forma que se assemelhavam a uma conversa, por compreender, assim como Kaufmann (2013, p. 39), que “a não personalização das perguntas ecoa a não personalização das respostas”.

Apoiamo-nos em Cipriani (1988), quando nos mostra, por meio do método da história de vida, a possibilidade de perceber que o discurso do narrador é marcado pela espontaneidade e pela boa relação interpessoal, dando espaço “[...] à emergência dos fatores cruciais de uma vivência pessoal, que não é jamais somente individual, mas profundamente inserida no corpo social” (Cipriani, 1988, p. 122). Por sua vez, Paulilo (1998, p. 136) afirma que é por meio da história de vida que podemos captar o que ocorre no cruzamento do mundo individual com o mundo social, tendo em vista “a imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem”.

Nesse contexto, a entrevista compreensiva ocupa um lugar fundamental, uma vez que sua realização “[...] pressupõe a obtenção de um discurso mais narrativo que informativo, resultado da intersubjectividade que se desenrola entre entrevistado e entrevistador” (Ferreira, 2014, p. 179), a partir de narrativas forjadas pelas experiências de vida que ultrapassam o caráter individual do que é experienciado. Sendo assim, para inserir-se nas coletividades a que pertencem, essas juventudes certamente provam – a partir de suas histórias de vida – que são condicionadas, mas não determinadas, pois, assumem “[...] a posição de quem luta para não ser objeto, mas sujeito também da história” (Freire, 2011, p. 53).

Dessa forma, foi possível, por meio das entrevistas realizadas com as jovens sertanejas, captar o que se sucede nas encruzilhadas da vida pessoal e de escolarização. Para isso, a investigação baseou-se em Benjamin (2012, p. 214), para quem, “[...] entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Assim, ao narrarem suas trajetórias de vida, as interlocutoras ultrapassaram os limites da informação, além de tornarem-se testemunhas de suas próprias experiências. Vale destacar que, inicialmente, a ideia consistiu em entrevistar todos os estudantes do Curso de Alimentos, mas, por timidez, os homens acabaram se recusando a participar das entrevistas e, por causa da predominância das mulheres no Curso de Alimentos, somente elas foram entrevistadas e contaram sua história de vida.

Na tabela 1, apresentada a seguir, destaca-se o perfil das estudantes e uma caracterização detalhada a partir dos dados obtidos nas entrevistas, como maneira de apresentar informações precisas a respeito das interlocutoras.

Tabela 1 – Perfil das narradoras da pesquisa

Estudantes	Perfil	Profissão
E. 1	Sexo feminino, 21 anos, solteira, um filho	Gari.
E. 2	Sexo feminino, 19 anos, solteira, não tem filho.	Estudante.
E. 3	Sexo feminino, 29 anos, casada, três filhos.	Manicure e cabeleireira.
E. 4	Sexo feminino, 27 anos, casada, um filho.	Autônoma.
E. 5	Sexo feminino, 24 anos, solteira, dois filhos.	Estudante.
E. 6	Sexo feminino, 27 anos, solteira, dois filhos.	Estudante.
E. 7	Sexo feminino, 29 anos, solteira, três filhos.	Autônoma.

Fonte: Elaboração dos autores, a partir das entrevistas, 2025.

Essas mulheres, caracterizadas na tabela acima, são jovens estudantes que lutam para permanecerem estudando, e também são pessoas que anteriormente tiveram pouco acesso à escola e romperam as situações-limites (Freire, 2011), e se recordam das suas trajetórias marcadas pelas dificuldades. Além disso, demonstram uma maneira mais concisa “para melhor avaliar [os seus caminhos percorridos]” e, nesse sentido, fica exposto que se deve “[...] lembrar que [a] educação propriamente intelectual lhes era proibida” (Badinter, 1985, p. 76). Nesse sentido, não há verdade ou mentira, cada interlocutora tem olhares e

Permanência escolar das juventudes da EJA/EPT: atos de resistência das jovens do Alto Sertão Alagoano

sentimentos diferenciados a partir de seu lugar de origem e de sua perspectiva. É importante ressaltar, então, que das 7 entrevistadas, 6 são mães, experiência que adquiriram desde muito cedo. Prezou-se, ainda, pelo sigilo das entrevistadas, que serão nomeadas por meio de siglas. Desse modo E.1 significa Estudante 1; E.2 significa Estudante 2, e assim por diante.

As mulheres descritas na tabela acima são jovens estudantes que enfrentam desafios diáários para continuar seus estudos. Vindas de contextos em que o acesso à educação foi limitado, elas superaram barreiras significativas, conforme conceituado por Freire (2011) como “situações-limites”. Suas trajetórias são lembradas por causa da presença de dificuldades que evidenciam a proibição anterior à educação intelectual adequada, como discutido por Badinter (1985). Nesse âmbito, pode-se destacar que cada uma dessas entrevistadas traz perspectivas individuais moldadas por suas origens e experiências pessoais. Portanto, é crucial destacar que, das sete entrevistadas, seis são mães, uma responsabilidade que assumiram precocemente em suas vidas. Essas experiências pessoais diversificadas e culturais enriquecem a compreensão dos desafios enfrentados por essas jovens mulheres e suas conquistas no cenário educacional atual.

Ademais, pode-se situar que as jovens estudantes têm, no IFAL, no que diz respeito à política de atendimento a educação das pessoas, jovens, adultas e idosas na educação profissional, o alcance do direito preconizado pelo Estatuto das Juventudes (2013), quando na Seção III, Art. 7º, menciona-se que “[o] jovem tem direito à educação de qualidade, com a garantia de educação básica, obrigatória e gratuita, inclusive para os que a ela não tiveram acesso na idade adequada” e, mais especificamente, afirma-se, no Art. 9º, que “[o] jovem tem direito à educação profissional e tecnológica, articulada com os diferentes níveis e modalidades de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, observada a legislação vigente”.

Linhas tênues: concepções de juventude das interlocutoras

A utilização da entrevista compreensiva tem se destacado nas pesquisas atuais, pois possibilita a construção de narrativas ricas em significados, provenientes das experiências de vida dos entrevistados. Essas narrativas não se restringem ao âmbito individual, mas se entrelaçam com as coletividades a que pertencem, evidenciando assim a complexidade das trajetórias de vida já que, segundo Silva (2002, p.1), a entrevista compreensiva constitui-se

como uma “metodologia que se organiza por meio da palavra percebida como ato concreto do sujeito, como guia da realidade social, como meio de expressão da cultura”.

No âmbito dessa abordagem metodológica, as informações compartilhadas nas falas servem como bases para suposições e ideias que formam as estruturas teóricas. Assim, o foco são os sentidos e os significados subjacentes nos discursos das estudantes, porque reconhece-se que a expressão dos outros desempenha um papel fundamental como uma ponte entre o indivíduo e o ambiente social.

Nesta seção, explorar-se-á as narrativas das interlocutoras em relação ao que é ser jovem, evidenciando como a objetividade pode ser a elas relacionada, apesar das responsabilidades maternas precoces que enfrentaram. Isso porque ser jovem no Brasil é muito mais que viver uma etapa da vida aos cuidados do outro, é um momento significativo da/na vida de seres reais, “produtores de sua própria existência e construtores de suas identidades, cambiantes, móveis, mas não volúveis” (Reis, 2011, p. 55). Nesse sentido, observe-se, abaixo, as narrativas que dialogam com as ideias de Reis (2011).

Ser jovem para mim é uma pessoa que tem objetivos na vida, mas não é por ter objetivos na vida que ela deixa a diversão ou oportunidades de sair. Porque hoje em dia tem aquelas pessoas que têm objetivos na vida e ela foca só naquilo e esquece que tem uma vida fora daquilo ali. Então o jovem é uma pessoa que tem a dedicação dela, mas não se abdica de se divertir (E. 4).

Você... enxergar as coisas de maneiras diferentes, enxergar o que o outro pensa. Que as vezes têm pessoas que... não enxergam é, nem a situação próprio e nem os outros de maneira jovem, que eu acho sim... jovem não é idade. É a cabeça também, a maturidade, que tem pessoas com sessenta anos e... é jovem. A cabeça não é madura, acho que ser jovem é não ter tanta maturidade, a questão. A maturidade, né? É, eu acho que é isso. Eu só acho que não sou jovem desde os quinze anos (E. 3).

Essas narrativas corroboram o fato de que a juventude é uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É, portanto, “uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos “estruturantes” das redes de sociabilidade” (Groppo, 2004 p. 11). À medida que surgem novas narrativas, estas revelam que as estudantes não tiveram a oportunidade de desfrutar das suas juventudes, o que as impede de elaborar uma definição precisa do que é ser jovem.

Permanência escolar das juventudes da EJA/EPT: atos de resistência das jovens do Alto Sertão Alagoano

Pra mim... ser jovem é não ter responsabilidade, não ter quebra de cabeça, entendeu? Não se preocupar com nada. Não ter uma dívida, viver assim, sabe? Um paraíso, porque meus filhos, é... no meu tempo de, quer dizer... eu ainda sou jovem, mas quando eu não tinha responsabilidades, era as mil maravilhas. Não vivia preocupada com nada, com dívida, com conta, com nada. Aí depois que eu tive meu filho, aí foi que, né? Mais responsabilidade, mais quebra de cabeça, preocupação. Porque tem jovens que não tem planos pra vida, né? Para eles, tanto fez, como tanto faz. Agora tem uns que pensam de maneira diferente (E. 1).

Uma pessoa fisicamente saudável... mentalmente nem tanto, dependendo da vida que levou, eu não sei explicar o que é uma pessoa jovem, a minha juventude foi ser mãe (E. 6).

As narrativas destacadas oferecem perspectivas distintas sobre o conceito de juventude e suas implicações pessoais. A primeira enfatiza a visão de juventude como um período de ausência de responsabilidades e preocupações, caracterizando-o como um estado livre de obrigações financeiras e preocupações cotidianas. Para a estudante 1, a juventude idealiza-se como um tempo de liberdade e despreocupação, marcado pela ausência de dívidas e de responsabilidades familiares, antes da entrada na fase adulta, período em que as obrigações aumentam significativamente.

Por outro lado, a segunda estudante revela uma perspectiva divergente, na qual a juventude é definida pela maternidade precoce e pelas responsabilidades associadas à criação de filhos. Essa definição enfatiza como as experiências individuais moldam significativamente a percepção de juventude, reforçando que o conceito não é homogêneo e pode variar conforme as circunstâncias vividas pelas pessoas.

Ambas as narrativas sublinham a complexidade e a subjetividade do conceito de juventude, influenciado por fatores pessoais, sociais e culturais. Assim, enquanto uma visão idealiza a juventude como um período de liberdade e leveza, a outra demonstra como as responsabilidades precoces podem redefinir essa fase da vida. Essas perspectivas ressaltam a importância de considerar as diferentes experiências individuais ao explorar e definir conceitos sociológicos como juventude. Nota-se, ainda, a complexidade e, ao mesmo tempo, a fragilidade na definição do que seria a “linha divisória” entre o mundo dos jovens e o mundo dos adultos”, considerando ser essa discussão, historicamente, objeto de estudo de diversas áreas, a exemplo da psicologia e da sociologia das juventudes. Pois, “(...) existem múltiplas

juventudes produzindo distintas territorialidades onde quer que vivam ou circulem” (Jadejiski, 2024, p 21).

As concepções de juventude, que atravessam as falas das jovens interlocutoras, são demarcadas por linhas tênues que separam os mundos – das juventudes e da adultez –, a exemplo de questões como a entrada no mundo do trabalho, o casamento, a chegada dos filhos, elementos que demarcam a fronteira entre ser jovem e ser adulto. É o que Margulis e Urresti (2010) conceitua como um desejo de prolongamento da “moratória social”, ou seja, o período que antecede a entrada no mundo adulto a partir das diversas classes sociais. Isso porque, segundo ele, as classes média e alta “postergam” essa entrada, ou seja, oportunizam aos jovens um período maior para estudar, para o lazer entre outros privilégios da proteção familiar adiando assim entrada no mundo das responsabilidades próprias dos adultos. Já as classes populares ingressam precocemente no mundo trabalho devido às necessidades de afirmação social, além de obrigações familiares como casamento, nascimento dos filhos, entre outros, o que, consequentemente, obriga-as a viver uma moratória social menos prolongada.

Permanência escolar: atos de resistência das jovens do Alto Sertão de Alagoas

A rede de apoio familiar desempenha um papel crucial na trajetória educacional das estudantes, oferecendo suporte emocional, prático e estratégico que pode influenciar diretamente sua capacidade de persistir e completar seus estudos. Desse modo, ao enfrentar desafios acadêmicos e pessoais, a presença e o impacto positivo de uma rede de apoio eficaz são fundamentais para promover um ambiente propício ao desenvolvimento acadêmico contínuo.

Nesse sentido, “o apoio social é fundamental ao longo do desenvolvimento humano, tendo destaque durante períodos de transição e de mudanças, quando naturalmente são exigidas adaptações e o indivíduo passa por situações de estresse” (Rapoport; Piccinini, 2006, p. 86). Assim, ao analisar as narrativas, observa-se que estão presentes a solidariedade e a ajuda mútua entre as jovens, o que pode ser comprovado, por exemplo, na fala da estudante 3:

Quando uma tá triste, as vezes não tá querendo vir mais, a gente sempre ajuda. A gente conversa, a gente tenta ser amiga pra quando uma tiver com problema, a gente conversa, sempre conversa com as meninas, quando uma tem um problema ou alguma coisa, se tá triste. A gente sempre percebe, porque já faz

Permanência escolar das juventudes da EJA/EPT: atos de resistência das jovens do Alto Sertão Alagoano

quase dois anos que a gente tá juntas, né? Aí a gente graças a Deus, as que ficaram, a gente todo mundo se dá bem, graças a Deus (E. 3).

Reis (2009, p. 155) destaca a importância dessa união:

[...] estas redes de solidariedade ou esta união que faz a permanência tem sido também presente no interior das unidades acadêmicas. Trata-se de estudantes que observam, a partir da experiência cotidiana, que se não se unissem não conseguiriam permanecer no curso [...].

Dito isso, pode-se afirmar que a interação estabelecida é de suma importância para assegurar a continuidade não apenas de uma estudante em particular, mas, também, “de seus pares” com quem interage ao longo do curso, com quem estabelece relações que permanecem e vão além do ambiente escolar. Observe-se, por exemplo, a narrativa a seguir:

Eu acho que o pessoal todo do IFAL, eles dão muito apoio e incentivo. Não só os professores, como as próprias colegas de sala, que já teve muitas querendo desistir, mas ficam ali. Não, desistir não, a gente vai, não tem tempo para fazer uma atividade, né? Os professores também colaboram muito, por questão da gente ter filhos. Aí, o professor, não posso não, a gente ajeita. Eles dão um incentivo pra gente não estimula assim, né? A gente não deixar e não desistir, acho que é mais isso, apoio (E. 7).

Com base na fala da estudante 7, pode-se concluir que a interação e o apoio mútuo no âmbito do ambiente educacional, especialmente no contexto do Instituto Federal de Alagoas, desempenham um papel fundamental na sustentação e no sucesso dos estudantes. Dessa forma, a narrativa enfatiza a importância do suporte tanto dos professores quanto dos colegas de sala, que se unem para encorajarem-se e motivar-se uns aos outros, especialmente em momentos de dificuldade ou quando surgem obstáculos pessoais, como a responsabilidade de cuidar de filhos.

Esse apoio não se limita apenas ao suporte emocional, mas também se manifesta em práticas concretas, como adaptações nas atividades acadêmicas para acomodar as responsabilidades familiares dos estudantes. Além do mais, essa atitude solidária e encorajadora dos membros da comunidade educacional contribui para a construção de um ambiente inclusivo e de apoio mútuo, fundamental para a permanência e o êxito acadêmico das estudantes.

Portanto, a interação estabelecida no IFAL não apenas beneficia individualmente as estudantes, incentivando-as a superar desafios pessoais e acadêmicos, mas também fortalece os laços dentro da comunidade escolar, promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativo e resiliente. Nesse sentido, são oportunas as palavras de Reis (2009, p. 172):

[...] entendermos pertencimento a partir do fundamento à comunidade em laços pessoais de reconhecimento mútuo, seguramente não poderíamos afirmar que estes estudantes ‘pertencem’ ao seu curso. O que observamos é que estes estudantes têm buscado construir [...] articulações que lhes permita a permanência simbólica [...] (Reis, 2009, p. 172).

Nesse sentido, as adversidades que as entrevistadas enfrentaram criaram um sentimento de solidariedade entre elas, marcado pelo apoio e pela ajuda mútua. Assim, a presença das colegas foi essencial para incentivá-las a continuar estudando. Com o tempo, elas perceberam que essas relações se tornaram mais fortes e importantes, destacando o valor dos laços e do apoio que trocaram entre si. Esse amparo foi crucial para enfrentar os desafios de conciliar suas responsabilidades diárias, a maternidade e retornar aos estudos. Desse modo, elas perceberam que não estão sozinhas nessa jornada e isso motivou-as a seguir em frente. Pode-se notar, sobretudo na narrativa da estudante 4, que foi criada uma irmandade entre as estudantes:

[...] As meninas da sala me ajudam bastante. Assim, quando elas verem que eu tô meio aperreada, uma vai e isso, e tem alguns professores que se solidarizam, pegam ele e ficam, o professor Pedro já fez várias vezes também. Na questão da sala, eu tenho ajuda para que brinquem, que pegam ele e tal [...] (E. 4).

As narrativas expressam como é importante, para as que continuam, estar em um ambiente de convívio com os demais, pois, sem essas relações, os/as “[...] estudantes saem porquê [...] se sentem [solitárias], [isoladas], incapazes de estabelecer conexões com seus colegas ou com outros estudantes” (Tinto, 2001, p. 2).

Nesse segmento, serão abordadas as narrativas das participantes que destacam a importância simbólica da continuidade dos estudos, o que permite destacar que há uma fronteira sutil entre uma rede de apoio e a permanência simbólica, visto que as entrevistadas expressaram clareza em seus desejos de prosseguir e concluir suas trajetórias acadêmicas. Por conseguinte, apesar de reconhecerem os desafios significativos associados a essa continuidade, as vozes dessas mulheres enfatizam a determinação em persistir e intensificar

seus esforços. Esse comprometimento ressoa com a teoria de Tinto (2015), que sublinha a vitalidade da persistência e do aumento do empenho diante das adversidades. Nesse sentido, explora-se, agora, essas narrativas que ecoam tais perspectivas teóricas:

[...] Só nesse momento mesmo, mas eu sempre desejo muita força praas meninas continuar, sendo que desde o ano passado tinha uma ou outra que dizia “acho que eu vou desistir” mulher desista não, já foi esse ano. “eu acho que eu vou desistir que a minha cabeça não tá aguentando, porque é muita coisa na cabeça, mas elas sempre “não menina, desista não.” Mas não é por mim, é muito por causa do meu filho, porque a gente não desiste por a gente, por causa do filho, o filho mais velho. Do mesmo jeito que eu desisti por causa dele, que queira ou não queira. Eu tinha a responsabilidade de ficar com ele, quando eu comecei, quando eu tinha voltado com a gravidez dele, e eu lutei [...] (E. 3).

O principal é ter força de vontade, né? Você querer estudar. E se você não disser assim, eu quero, você não vem não. Porque é bem cansativo mesmo. (E. 7).

O companheirismo, a força de vontade e a resiliência durante o curso se mostraram essenciais para a permanência das estudantes. Silva (2021, p. 47) nos mostra isso quando afirma o seguinte:

[...] o permanecer implica na forma como os estudantes sentem-se inseridos no cotidiano da sala de aula, pois percebemos que, independente da sua condição social, cabe a eles um lugar crítico na sociedade; para isso, é necessário haver durante as aulas a relação entre o conteúdo abordado e o cotidiano dos estudantes, para que desenvolvam a percepção de seu papel enquanto cidadãos [...].

As palavras dessas mulheres indicam que, sem a ajuda dos colegas, manter-se no curso seria extremamente desafiador, senão impossível. Desse modo, as redes de suporte estabelecidas dentro do curso ajudaram a aliviar o peso que sentiram ao enfrentar os obstáculos que surgiram, além das exigências acadêmicas.

(In)conclusões

Os resultados apontaram que as políticas de assistência estudantil do IFAL garantem a permanência escolar das jovens mães sertanejas através de ações de permanência como o Programa Auxílio EJA (Paeja), vinculado ao Serviço Social e às Coordenações da Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos campi, caracteriza-se pela transferência de recursos financeiros a estudantes matriculadas/os na modalidade EJA. Notou-se também, forte aprovação do Programa de Alimentação e Nutrição Escolar (PANES), por parte das estudantes que

consideraram o refeitório do Campus como uma ação de permanência de grande importância para as mulheres trabalhadoras, que estudam no noturno.

Diante da análise das trajetórias escolares das jovens estudantes do Curso de Alimentos, integradas na EJA/EPT do IFAL, pode-se concluir que a permanência dessas juventudes na educação é impulsionada por uma série de fatores complexos, que vão desde questões materiais até simbólicas. Esta pesquisa, empreendida pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (Gipeja – IFAL/CNPq), revela a importância de escutar e compreender as experiências de vida dessas jovens, visando superar estigmas e promover a valorização das juventudes. Por conseguinte, a abordagem metodológica qualitativa adotada permitiu emergir as narrativas e atos de resistência que sustentam a permanência dessas jovens no ambiente escolar, evidenciando a necessidade de políticas públicas específicas para esse segmento populacional.

As histórias de vida também mostraram como é fundamental o apoio e a união das colegas para se sentirem aceitas. De acordo com Tinto (2000), quando os estudantes se dedicam mais aos estudos e se percebem mais envolvidos tanto academicamente quanto socialmente, têm mais chances de continuar até o final do curso. Isso permite-nos destacar o quanto é simbólico o caminho para permanecer na escola. Além disso, apesar de os colegas serem importantes para a permanência, isso não é suficiente, pois essas mulheres enfrentam diversos desafios e dificuldades em seu dia a dia. Por isso, uma rede de apoio familiar e institucional se faz necessário.

Assim, a pesquisa não só busca compreender, mas também provocar uma mudança de olhar em relação ao êxito escolar, visando contribuir para a (re)formulação de ações de permanência material e simbólica que impactem positivamente no percurso educacional dessas jovens estudantes.

Referências

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, Inês B.; PAIVA, Jane (org.). **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 42-54.

ANDRADE, Eliane Ribeiro; FARAH NETO, Miguel. Juventudes e trajetórias escolares: conquistando o direito à educação. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007. p.57-80.

Permanência escolar das juventudes da EJA/EPT: atos de resistência das jovens do Alto Sertão Alagoano

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro: PNUD, Ipea, Fundação João Pinheiro. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/270710>. Acesso em: 2 dez. 2025.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 370-370.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Integração da Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.** Documento Base. Brasília, 2007.

BRASIL. **Lei nº 12.852/2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 17 jul. 2024.

CATANI, Afrânia Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Culturas juvenis:** múltiplos olhares. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

CARMO, Gerson Tavares do; ARÊAS, Carlos Artur Carvalho; ARÊAS, Heise Cristine Arêas. Ensaio: luzes e sombras sobre o objeto permanência na educação. In: FREITAS, Marinaide; CARMO, Gerson Tavares do; MARINHO, Paulo; SILVA, Jailson Costa da; TORRES, Andresso Marques (org.). **Raízes investigativas II: a gramática da permanência na educação.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 43-68.

CARMO, Gerson Tavares; SILVA, Cristiane Barcelos da. Da evasão/fracasso escolar como objeto “sociomediático” à permanência como objeto de pesquisa: o anúncio de uma construção coletiva. In: CARMO, Gerson Tavares do. (org.) **Sentidos da Permanência na Educação:** anúncio de uma construção coletiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasiliense, 2016. p. 41-71.

CARMO, Gerson Tavares do; CARMO, Cintia Tavares do. A permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos: proposta de categorização discursiva a partir das pesquisas de 1998 a 2012 no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [S. l.], v. 22, n. 63, p. 1-42, 2014.

CIPRIANI, Roberto. Biografia e Cultura – da religião à política. In: SIMON, O. Von (org.). **Experimentos com Histórias de Vida (Brasil – Itália).** São Paulo: Vértice, 1988.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 979-992, set. 2014.

FREITAS, Marinaide; CARMO, Gerson Tavares do; MARINHO, Paulo; SILVA, Jailson Costa da; TORRES, Andresso Marques. (orgs.). **Raízes investigativas II: a gramática da permanência na educação.** São Carlos: Pedro & João editores, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GROOPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do COGEIME**, [S. I.], v. 13, n. 25, p. 9-22, 2004.

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL. **Projeto do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Alimentos.** Piranhas, Alagoas, 2016.

JADEJISKI, Rainei Rodrigues. **Juventudes rurais e territorialidades.** Vitória/ES, 2024. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 2024.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva:** um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 1:** da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Divanir Maria de. **O tratamento dado às juventudes nos gêneros textuais do livro didático de ciências sociais da educação de jovens e adultos.** 2011. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: vozes, 1997.

MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. In: Fazenda, Ivani. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional.** São Paulo: Cortez, 2010.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra.** 2010. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#search/vincent+tinto?projector=1>. Acesso em: 2 dez. 2025.

MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos:** rupturas e continuidades no semiárido. Salvador: Eduneb; Edufba, 2018.

PAULILO, Maria Ângela. A Pesquisa Qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 1998.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, César Augusto. Apoio social e experiência da maternidade. **Journal of Human Growth and Development**, [S. I.], v. 16, n. 1, p. 85-96, 2006.

REIS, Dyane Brito. O significado de permanência: explorando possibilidades a partir de Kant. In: CARMO, Gerson Tavares do. (org.) **Sentidos da Permanência na Educação:** anúncio de uma construção coletiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasiliense, 2016. p. 73-82.

Permanência escolar das juventudes da EJA/EPT: atos de resistência das jovens do Alto Sertão Alagoano

SANTOS, Maria Aparecida Monte Tabor dos. **A produção do sucesso na Educação de Jovens e Adultos:** o caso de uma escola pública em Brazlândia-DF. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, DF, 2007.

SILVA, Rosália de Fátima e. **A entrevista compreensiva** - Texto para discussão no curso de PósGraduação em Educação. DEPED: UFRN, 2002.

SILVA, Jailson Costa da; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; SILVA, Suzi Cristiane Soares da. As razões da permanência escolar no Projeja: narrativas dos trabalhadores-estudantes sertanejos. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 64, p. 41-54, 2021.

TINTO, Vincent. Learning Better Together: The Impact of Learning Communities on Student Success. Higher Education monograph series, v. 1, n. 8, 2000. In: Gerson Tavares do Carmo (Org.). **Compilação de 18 artigos de Vincent Tinto (1982 a 2017)**. Campos dos Goytacazes. p. 68-73.

TINTO, Vincent. Rethinking the first year of college. Higher Education Monograph Series, Syracuse University, 2001. In: Gerson Tavares do Carmo (Org.). **Compilação de 18 artigos de Vincent Tinto (1982 a 2017)**. Campos dos Goytacazes. p. 74-79.

TINTO, Vincent. Through the eyes of students. Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice, Vol.9, Issue 3, December, 2015. In: Gerson Tavares do Carmo (Org.). **Compilação de 18 artigos de Vincent Tinto (1982 a 2017)**. Campos dos Goytacazes. p. 138-149.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Sobre os autores

Jailson Costa da Silva

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas –UFAL, com período sanduíche no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd/UERJ). Professor dos cursos de licenciatura em Física e Matemática do IFAL, área: Formação de Professores. Faz parte do Fórum Alagoano de Educação de Jovens e Adultos (FAEJA). Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) – GT-18. Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GIPEJA/IFAL/CNPq).

E-mail: jailson.costa@ifal.edu.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5078-3603>

Divanir Maria de Lima Reis

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professora do Curso de Licenciatura em Letras/Português do IFAL (Presencial), área Formação de Professores e do Curso de Licenciatura em Pedagogia (EaD/UaB). Coordenadora de Área do PIBID Pedagogia/Alfabetização (2024-2026). Vice Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GIPEJA/IFAL/CNPq).

E-mail: divanir.lima@ifal.edu.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0989-9641>

Ana Paula da Silva

Graduanda do Curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) –Campus Piranhas. Bolsista de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (Pibic) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Edital nº 16/2023 PRPPI/IFAL.

E-mail: aps28@aluno.ifal.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2588-6191>

Recebido em: 09/02/2025

Aceito para publicação em: 16/09/2025